

## CRIATIVIDADE E INTERPRETAÇÃO NO DESIGN DE MODA: UMA ABORDAGEM COM METODOLOGIAS ATIVAS NO ENSINO SUPERIOR

Maria Julia de Lima Dassoler<sup>1</sup>

<sup>1</sup>UniSENAI, Criciúma, SC, Brasil.

### 1. Introdução (negrito fonte Times New Roman tamanho 11 pt)

A formação em Design de Moda demanda o desenvolvimento de habilidades técnicas, mas principalmente a compreensão da criatividade como um processo central na construção de propostas autorais. Para isso, as metodologias ativas de ensino e aprendizagem destacam-se por deslocarem o estudante para o centro do processo formativo, valorizando a problematização, a conexão com saberes prévios e a construção do conhecimento a partir da experiência e da reflexão crítica [1].

Este trabalho apresenta uma prática pedagógica aplicada na primeira fase da graduação em Design de Moda, com o objetivo de evidenciar como a criatividade se manifesta a partir da individualidade e da interpretação subjetiva dos estudantes. A atividade também buscou enfrentar bloqueios comuns ao processo criativo, como insegurança e medo de julgamento, frequentemente presentes em contextos iniciais de aprendizagem.

### 2. Experimento

Entende-se a criatividade como um processo interpretativo e relacional. Criar implica estabelecer conexões entre experiências pessoais e atribuir novos significados ao que já existe [2]. De modo complementar, a criatividade também pode ser entendida como resultado da experimentação e da articulação entre conhecimento e liberdade interpretativa [3].

No campo educacional, a proposta dialoga com pressupostos das metodologias ativas, que consideram o aprendizado como um processo construído pelo estudante a partir da ação, da reflexão e da ressignificação de conhecimentos. Essa abordagem enfatiza o papel ativo do acadêmico na construção do conhecimento [1].

Isto posto, a dinâmica consistiu na construção de um desenho de um “monstrinho” a partir de comandos sequenciais e guiados, fornecidos pela professora passo a passo, sem que os estudantes tivessem conhecimento prévio do resultado final. Cada instrução adicionava um novo elemento à composição, mantendo constante o estímulo, mas aberto à interpretação individual. A atividade foi estruturada em três momentos: (i) proposição do exercício com orientação sequencial, (ii) execução individual e (iii) socialização coletiva dos resultados ao final. A escolha por uma condução guiada teve como intencionalidade pedagógica evidenciar que, mesmo diante de instruções idênticas, os resultados seriam distintos, justamente pela mediação da subjetividade de cada estudante. Além disso, a dinâmica buscou tensionar bloqueios criativos, como insegurança, medo de errar e excesso de comparação, criando um ambiente mais seguro para a expressão individual [4].

### 3. Resultados e Discussão

Os resultados evidenciaram uma diversidade de soluções visuais, variando entre composições mais elaboradas e outras mais sintéticas, com diferentes níveis de detalhamento, estilo e organização do “monstrinho”. Essa diversidade demonstra que a interpretação visual está diretamente relacionada às vivências, repertórios e níveis de experiência dos estudantes.

A exposição coletiva dos trabalhos foi fundamental para explicitar essas diferenças, permitindo que os próprios estudantes reconhecessem a pluralidade de respostas possíveis a um mesmo estímulo. Esse momento revelou-se especialmente relevante para a desconstrução de comparações, comuns em fases iniciais, onde frequentemente se estabelecem julgamentos baseados apenas em critérios técnicos. A figura 1 demonstra o momento de exposição dos desenhos e de discussão com os acadêmicos.

 **SIMPEX**  
+  
**4º MOBICIT**

# CONEXÕES QUE MOVEM o FUTURO

Energia e Inteligência para Cidades Vivas

Realização:

**UniSENAI**

**INSTITUTO SENAI**  
DE INOVAÇÃO

**INSTITUTO SENAI**  
DE TECNOLOGIA

**fapesc**

Fundação de Amparo à  
Pesquisa e Inovação do  
Estado de Santa Catarina

Apoio:

**Even3**



**Fig. 1 - Interpretação dos monstrinhos**

Ao confrontar os resultados, os estudantes puderam compreender que não existe uma única forma “correta” de resolver um problema criativo, mas múltiplas possibilidades. Essa percepção contribui diretamente para a redução da insegurança - um dos principais bloqueios criativos [4] - e para o fortalecimento da autonomia criativa.

Sob a perspectiva das metodologias ativas, a atividade demonstrou potencial ao promover engajamento, participação e reflexão, além de estimular a construção de sentido a partir da experiência prática. O exercício também evidenciou que a aprendizagem em design não se limita à aquisição de técnicas, mas envolve a capacidade de interpretar, relacionar e atribuir significado.

Conclui-se, assim, que a dinâmica proposta se configura como uma estratégia pedagógica eficaz no ensino de Design de Moda, especialmente em etapas iniciais da formação. Ao articular prática guiada, experimentação e reflexão coletiva, a atividade evidencia que a criatividade não está na criação de algo absolutamente novo, mas na capacidade de ressignificar elementos a partir da subjetividade [2].

Além disso, ao considerar os bloqueios do processo criativo e propor um ambiente de experimentação segura, a prática contribui para o desenvolvimento da confiança e da autonomia dos estudantes. Dessa forma, reforça-se a importância da adoção de metodologias ativas como caminho para uma formação mais crítica, sensível e alinhada às demandas contemporâneas do ensino superior.

#### **4. Referências (negrito fonte Times New Roman tamanho 11 pt)**

- [1] A. P. T. Farias, E. R. Farias, C. Dolinski, I. B. Silva, P. T. Lena, P. A. Grandi, Metodologias Ativas de Ensino e Aprendizagem: Desafios e Práticas em Diabetes e Comorbidades, Lajeado: Editora Univates, 2019.
- [2] F. Ostrower, Criatividade e Processos de Criação, Petrópolis: Vozes, 2001.
- [3] B. Munari, Das Coisas Nascem Coisas, São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- [4] J. Predebon, Criatividade: Abrindo o Lado Inovador da Mente, São Paulo: Atlas, 2010.